

# São Paulo

## A concepção paulina do apostolado

**J**esus entrou na vida de São Paulo e transformou-o de perseguidor em apóstolo. Aquele encontro marcou o início da sua missão: Paulo não podia continuar a viver como antes, agora sentia-se investido pelo Senhor do encargo de anunciar o seu Evangelho como apóstolo. É precisamente sobre esta sua nova condição de vida, isto é, de ser apóstolo de Cristo. Normalmente, seguindo os Evangelhos, identificamos os Doze com o título de apóstolos, pretendendo desta forma indicar os que eram companheiros de vida e ouvintes do ensinamento de Jesus.



Mas também Paulo se sente verdadeiro apóstolo e torna-se claro, portanto, que o conceito paulino de apostolado não se limita ao grupo dos Doze. Sem dúvida, Paulo sabe distinguir bem o seu caso do de quantos "tinham sido apóstolos antes" dele (cf. *Gl* 1, 17): reconhece-lhes um lugar totalmente especial na vida da Igreja. Mas, como todos sabem, também São Paulo se define a si mesmo como Apóstolo em sentido estrito. O que é certo é que, no tempo das origens cristãs, ninguém percorreu tantos quilómetros como ele, por terra e por mar, com a única finalidade de anunciar o Evangelho.

Portanto, ele tinha um conceito de apostolado que ultrapassava o que se relaciona apenas com o grupo dos Doze, transmitido sobretudo por São Lucas nos Actos (cf. *Act* 1, 2.26; 6, 2). De facto, na primeira Carta aos Coríntios Paulo faz uma clara distinção entre "os Doze" e "todos os apóstolos", mencionados como dois grupos diversos de beneficiários das aparições do Ressuscitado (cf. 14, 5.7). Naquele mesmo texto ele começa em seguida a referir-se a si mesmo como "o último dos apóstolos", comparando-se até com um aborto e afirmando textualmente: "não sou digno de ser chamado Apóstolo, pois persegui a Igreja de Deus. Mas, pela graça de Deus, sou o que sou, e a graça que Ele me deu não foi inútil; pelo contrário, tenho trabalhado mais do que todos eles; não eu, mas a graça de Deus que está comigo" (*I Cor* 15, 9-10). A metáfora do aborto expressa uma humildade extrema; encontrá-la-emos também na Carta aos Romanos de Santo Inácio de Antioquia: "Sou o último de todos, sou um aborto; mas ser-me-á concedido tornar-me algo, se alcançar Deus" (9, 2). O que o Bispo de Antioquia dirá em relação ao seu martírio iminente, prevendo que ele mudará a sua condição de indignidade, São Paulo di-lo em relação ao próprio compromisso apostólico: é nele que se manifesta a fecundidade da graça de Deus, que precisamente sabe transformar um homem mal sucedido num maravilhoso apóstolo. De perseguidor em fundador de Igrejas: Deus fez isto num homem que, sob o ponto de vista evangélico, poderia ser considerado um aborto!

Portanto, na concepção de São Paulo, o que faz com que ele e outros sejam apóstolos? Nas suas Cartas sobressaem três características principais, que constituem o apóstolo. A primeira é a de ter "visto o Senhor" (cf. *I Cor* 9, 1), ou seja, de ter tido com Ele um encontro determinante para a própria vida. Analogamente na Carta aos Gálatas (cf. 1, 15-16) dirá que foi chamado, quase seleccionado, pela graça de Deus com a revelação do seu Filho em vista do feliz anúncio aos pagãos. Em definitiva, é o Senhor que constitui o apostolado, não a própria presunção. O apóstolo não se faz por si, mas é feito tal pelo Senhor; portanto o apóstolo tem necessidade de se relacionar

constantemente com o Senhor. Não é por acaso que Paulo diz que é "apóstolo por vocação" (*Rm* 1, 1), ou seja, "não da parte dos homens, mas por Jesus Cristo e por Deus Pai" (*Gl* 1, 1). Esta é a primeira característica: ter visto o Senhor, ter sido chamado por Ele.

A segunda característica é "ter sido enviado". A própria palavra grega apóstolos significa precisamente "enviado, mandado", ou seja, embaixador e transmissor de uma mensagem; portanto ele deve agir como encarregado e representante de um mandante. É por isso que Paulo se define "apóstolo de Jesus Cristo" (*1 Cor* 1, 1; *2 Cor* 1, 1), o que significa seu delegado, que se põe totalmente ao seu serviço, a ponto de se qualificar também "servo de Jesus Cristo" (*Rm* 1, 1). Sobressai mais uma vez em primeiro plano a ideia de uma iniciativa de outrem, de Deus em Cristo Jesus, à qual se é totalmente constringido; mas sobretudo ressalta-se o facto de que d'Ele se recebeu uma missão a ser cumprida em seu nome, pondo absolutamente em segundo lugar qualquer interesse pessoal.

A terceira característica é a prática do "anúncio do Evangelho", com a conseqüente fundação de Igrejas. De facto, o título de "apóstolo" não é nem pode ser título honorífico. Ele compromete concreta e também dramaticamente toda a existência da pessoa interessada. Na primeira Carta aos Coríntios Paulo exclama: "Não sou apóstolo? Não vi eu a Jesus Cristo, Nosso Senhor? Não sois vós a minha obra no Senhor?" (*9, 1*). Analogamente na segunda Carta aos Coríntios afirma: "Vós sois a nossa carta... uma carta de Cristo, redigida por nós, e escrita, não com tinta, mas com o Espírito de Deus vivo" (*3, 2-3*).

Não nos admiramos, então, se Crisóstomo fala de Paulo como de "uma alma de diamante" (*Panegíricos*, 1, 8), e prossegue dizendo: "Assim como o fogo ateadado a materiais diversos se fortalece ainda mais..., assim a palavra de Paulo ganhava para a própria causa todos aqueles com os quais se relacionava, e os que se lhe opunham, capturados pelos seus discursos, tornavam-se um alimento para este fogo espiritual" (*ibid.*, 7, 11). Isto explica por que Paulo define os apóstolos como "colaboradores de Deus" (*1 Cor* 3, 9; *2 Cor* 6, 1), cuja graça age com eles. Um elemento típico do verdadeiro apóstolo, bem realçado por São Paulo, é uma espécie de identificação entre Evangelho e evangelizador, ambos destinados à mesma sorte. De facto, ninguém como Paulo evidenciou como o anúncio da cruz de Cristo parece "escândalo e loucura" (*1 Cor* 1, 23), ao que muitos reagem com incompreensão e rejeição. Isto acontecia naquele tempo, e não deve admirar que o mesmo aconteça também hoje. Deste destino, de parecer "escândalo e loucura", participa portanto o apóstolo e Paulo sabe-o: é esta a experiência da sua vida. Aos Coríntios escreve, com um tom de ironia: "De facto, parece-nos que Deus nos pôs a nós, Apóstolos, no último lugar, como condenados à morte, porquanto nos tornámos espectáculo para o mundo, para os anjos e para os homens. Nós somos loucos por causa de Cristo, e vós, sábios em Cristo; nós somos fracos e vós, fortes; vós, nobres, e nós desprezíveis. A esta hora sofremos fome, sede e desnudez; somos esbofeteados e andamos vagabundos, e cansamo-nos a trabalhar com as nossas mãos. Amaldiçoados, bendizemos; perseguidos, suportamos; difamados, consolamos. Tornámo-nos como o lixo do mundo, a escória de todos até agora" (*1 Cor* 4, 9-13). É um auto-retrato da vida apostólica de São Paulo: em todos estes sofrimentos prevalece a alegria de ser portador da bênção de Deus e da graça do Evangelho.

Aliás, Paulo partilha com a filosofia estóica do seu tempo a ideia de uma constância tenaz em todas as dificuldades que se lhe apresentam; mas supera a perspectiva meramente humanista, recordando o componente do amor de Deus e de Cristo: "Quem poderá separar-nos do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo ou a espada? Conforme está escrito: Por tua causa, sofremos a morte durante o dia inteiro; fomos tomados por ovelhas destinadas ao matadouro. Mas, em tudo isto, somos nós mais que vencedores por Aquele que nos amou. Porque estou certo que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem o presente, nem o

futuro, nem as potestades, nem a altura, nem a profundidade nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, Nosso Senhor" (*Rm* 8, 35-39). É esta a certeza, a alegria profunda que guia o apóstolo Paulo em todas estas vicissitudes: nada nos pode separar do amor de Deus. E este amor é a verdadeira riqueza da vida humana.

Como se vê, São Paulo tinha-se entregue ao Evangelho com toda a sua existência; poderíamos dizer vinte e quatro horas por dia! E realizava o seu ministério com fidelidade e alegria, "para salvar alguns a todo o custo" (*1 Cor* 9, 22). E em relação às Igrejas, mesmo sabendo que tinha com elas uma relação de paternidade (cf. *1 Cor* 4, 15), ou até de maternidade (cf. *Gl* 4, 19), assumia uma atitude de serviço total, declarando admiravelmente: "Não porque pretendemos dominar a vossa fé: queremos apenas contribuir para a vossa alegria" (*2 Cor* 1, 24). Eis a missão de todos os apóstolos de Cristo em todos os tempos: ser colaboradores da verdadeira alegria.

*Bento XVI*